

Resenha

Impressões digitais: Cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo
(MARTINS, Francisco Menezes. Porto Alegre: Sulina, 2008. (Coleção cibercultura).)

Ian Costa CAVALCANTI¹

O livro de Francisco Menezes Martins, intitulado “Impressões Digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo”, é uma obra desafiadora. O desafio dela reside na necessidade de deixar-se imergir no tom extremamente filosófico da linguagem do autor e tentar deglutir as imagens indiscutivelmente metafóricas, fazendo relação com o espaço da cibercultura.

Obviamente, tal empreendimento demanda esforço, mas todo esforço possui uma recompensa e o prêmio para quem se destina a ler este livro é ter em mãos uma série de reflexões que nos permitem pensar a comunicação, a mídia e a cibercultura de modo mais crítico, associando-a com o pensamento filosófico.

E esta parece ser a intenção do autor, propor um percurso teórico, para a comunicação pós-moderna, que suscite reflexões, desconectando do pensamento puramente liberalista e traçando pontes com a filosofia, que nos permite observar a realidade de forma mais humanística. Para tanto, o autor recorre, de forma muito frequente, ao pensamento de Nietzsche, além de também citar e discutir observações de Heidegger, Deleuze, Vattimo, e Baudrillard.

O pensamento do autor, dentro da obra, segue um caminho lógico de idas e retornos, avançando pelas questões atuais do cenário da comunicação midiática atual no ciberespaço e volta sempre ao pensamento filosófico, como modo de desnudar e repensar as relações provenientes desse meio.

Nesse sentido, Francisco Martins organiza o seu livro em 15 capítulos que nos instigam a refletir sobre essa possível relação entre a comunicação e a filosofia e a compreender as bases da mídia e do poder no ciberespaço.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB.

No primeiro capítulo, intitulado “Notas sobre *cyberspace*: valores humanos em rede”, o autor trabalha algumas temáticas como: imaginário, consciência, individualidade, liberdade e comunicação. De modo bastante contundente, o autor vai desnudando, aos nossos olhos, a realidade do mundo cibernético, ao qual todos nós estamos expostos: um mundo programado para difundir informações que contribuem para a manutenção de um comportamento irreflexivo e nos manter presos a um mundo programado para nos instigar ao consumo e para nos fazer consumir notícias parciais e programadas para manter a evidência daqueles que estão no topo do poder econômico. A pretensa liberdade de escolha, que a interatividade do ciberespaço diz proporcionar, segundo mostra o autor, é fruto de um conjunto de estratégias, coletadas pelos perfis, que leva os usuários a consumirem e se comportarem segundo o que a mídia nos leva a fazer. Dessa forma, o sujeito não é livre, ao contrário, ele é iludido em sua própria liberdade. Nesse sentido, o autor ainda enfatiza, segundo o pensamento de Nietzsche, que a consciência no ser humano é média, pois é fruto de uma individualidade, mediada por valores gregários. Entretanto, no ciberespaço, o que temos é uma “consciência midiática da humanidade”, dentro de um simulacro virtual do mundo real.

No capítulo seguinte, “Cibercultura, nomadismo tecnológico e selfsitter digital”, o autor discute o caráter de mundialização do qual está impregnada a cultura produzida em rede, sobretudo do poderio incontestável atribuído aos Estados Unidos, dentro da perspectiva de liberdade vigiada e da potencialização de negócios, proporcionada pelo ciberespaço.

Em “*Baudri’s yard*: comunicação, simulacros e servidão voluntária”, título do terceiro capítulo, Martins (2008) mobiliza alguns pontos do pensamento de Baudrillard para discutir a questão do simulacro que o mundo virtual pretende ser do mundo real. Esse mundo virtual, tão sedutor, de um lado, por facilitar e propiciar uma intensa carga de relações interpessoais e, por outro lado, é um veículo muito eficaz para os efeitos de interesses políticos e de consumismo.

Dentro dessas perspectivas dúbias e contrastantes do ciberespaço, o autor afirma que “na instância das relações humanas e das artes, sedução é defensável. No uso deliberado do capitalismo midiático/ ser atacada” (p.23). Nesse cenário, observa-se que o mundo digital traz a tona uma nova configuração de saberes e poderes que circulam e comandam as relações virtuais que perpassam, de um modo não tão explícito, o mundo

real. O uso irracional das tecnologias cibernéticas nos imerge num estado de “servidão voluntária”, na qual a “vontade está vinculada ao que se pode e não ao que se quer” (p.28). Palavras tão difundidas nesse meio, como “inclusão”, “comodidade”, “segurança”, escondem, por trás da carga semântica positiva, uma série de interesses e imposições implícitas. Por isso, o autor defende a necessidade de uma reflexão mais profunda acerca do uso racional e da difusão de uma cibercultura menos alienante.

Em “Interfaces, visibilidade e devir”, se discute a questão da identidade e da atribuição de sentido e valor às coisas que nos cercam. Utilizando conceitos ligados à metafísica, ao transcendentalismo e ao criacionismo religioso, o autor concebe que o ciberespaço foi uma criação do homem, onde o corpo, medida criada pelo ente divino e que o limitava, é transfigurado e pode, enfim, desconhecer as medidas de tempo e espaço. Em alguns momentos, nesse capítulo, o discurso do autor parece ser embebido de uma certa superinterpretação dos pensamentos filosóficos citados, a fim de defender essa ideia, tendo em vista que, nem sempre as citações mencionadas podem ser aplicadas da forma como o autor faz. Em alguns momentos, parece um pouco forçada essa tese do autor.

“O poder de fogo das tecnologias do imaginário”, quinto capítulo, trata de um caso específico: a cobertura dos conflitos, em Paris, no ano de 2005. Segundo nos mostra o autor, a cobertura feita pelos meios de comunicação tendeu a uma distorção dos fatos, quando associou, às notícias, valores morais e a ideia de castigo, em relação aos imigrantes, assumindo uma postura de proteção aos que representavam a potência econômica. Sendo assim, a mídia foi parcial e enganadora, servindo aos interesses dos dominantes. Essa ideia também é perpassada no sexto capítulo “O inferno global e a ilusão do poder” quando o autor também evidencia as máscaras da informação, em relação a cobertura do 11 de setembro e as manipulações das notícias, utilizando-se de valores como a dicotomia entre o bem e o mal para representar os EUA e o Iraque.

“Morin, Baudrillard e a metáfora do holograma” como é intitulado o sétimo capítulo do livro, o autor volta a comentar o poderio norte-americano, sobretudo no ciberespaço. Segundo o autor, “o mundo é um holograma culturalmente norte-americano” (p.57) e para defender essa ideia ele recorre ao princípio da incerteza, de Morin e à imagem do holograma, de Baudrillard. Mais uma vez, o autor reforça o

poderio da Internet na construção de uma americanização do mundo e da difusão do “modo de vida americano”.

Em “Cyberspace e os sujeitos da interatividade”, se discute as limitações dos aportes teóricos utilizados nos estudos no campo da comunicação. Segundo nos alerta Martins (2008), o instrumental hoje é baseado na “tecnoburocracia da interatividade”, mas ele observa que não se pode analisar a cultura pós-moderna apenas no ciberespaço, pois essa cultura está em ambos os lados da tela e essa particularidade deve ser observada. Outra discussão relevante, levantada pelo autor, diz respeito à observação de que a Internet traz novas formas de relações humanas, mas estas não são baseadas em relações dinâmicas, mas mecânicas, por isso, há de se ter um olhar crítico e reflexivo sobre o fenômeno da comunicação na sociedade pós-moderna, olhar esse que os aportes teóricos tradicionais não conseguem contemplar.

Intitulado “Assim teria falado Zaratustra?”, o nono capítulo traça pontes mais consistentes entre o pensamento de Nietzsche e a sociedade pós-moderna, sobretudo no que concerne à ideia do eterno retorno, personificado em Zaratustra, na obra de Nietzsche, que dá nome ao capítulo. Ainda nessa perspectiva de contribuições para a compreensão da sociedade pós-moderna, o autor, em seu décimo capítulo, “Na era dos horizontes virtuais”, apresenta a filosofia como uma disciplina capaz de dar conta de tantas contradições e dualidades da “sociedade da informação”, que pouco informa e muito vende.

Nessa perspectiva, a filosofia “deveria buscar, em sua relação com a comunicação, portas que levem a uma aproximação filosófica do homem em sua atual atmosfera” (p. 79), tendo em vista que o consumo da tecnologia tem tornado o homem menos humanístico e mais um consumista irracional. Nesse ínterim, a proposta do autor é que, paralelamente às redes da informação, seja possível lançar outra rede, mais produtiva ao saber, como um todo, “a rede dos filósofos selecionados por um filósofo e transmitida a outros homens”, a fim de tentar “desmecanizar” a sociedade.

De uma certa forma, parece ser esse processo que o próprio autor inicia ao escrever este livro: uma teia dessa rede. Essa ideia é expandida nos dois capítulos seguintes, “O pensamento filosófico como uma rede virtual de comunicação” e “Nietzsche, aurora e crepúsculo do mundo verdadeiro em rede”, nos quais o autor cita alguns filósofos que podem contribuir para tecer essa nova e necessária rede para

compreender e estudar a sociedade pós-moderna, sobretudo no que concerne ao pensamento de Nietzsche, com as noções de mundo real e simulacro. Esses capítulos tornam-se um pouco enfadonhos pelo excesso de repetição de ideias que, de uma certa forma, se justifica pela necessidade de reforçar a tese que ele defende: a da filosofia como uma disciplina indispensável para devolver a humanização e a criticidade ao mundo.

O autor problematiza a questão do cinema na era pós-moderna. Intitulado “Virtualidades, cinema e cultura pós-moderna”, neste capítulo é ressaltado todo o apelo comercial que circunda o pré-lançamento de uma obra visual, a qual deixa de ser o centro dos esforços, enfocando-se apenas o aspecto comercial. Nesse sentido, o autor enfatiza a diferença existente entre um bom filme e um filme bem promovido.

Em “Blade Runner, Matrix, devir cyborg e devir software”, Martins (2008) aproxima e diferencia as duas obras cinematográficas que constam no título do capítulo e que versam a respeito do retorno como tragédia, do homem que perdeu o desejo e que foi seduzido pelo objeto criado. O autor observa que Blade Runner, entretanto, apresenta um tom mais poético, com uma abertura maior para o imaginário e o subjetivo, enquanto que Matrix explora mais o lado teenager e de ação do filme.

Finalizando em “Informação e cultura no tempo das redes: cibercultura para crianças”, se discute a ideia de que o uso que se faz da tecnologia é que a define como boa ou má. O que deixou a desejar nesse capítulo é que o enfoque que se esperava ser dado, a partir do título, ou seja, a cibercultura para crianças, não é abordado diretamente, deixando o texto solto em relação ao título.

De um modo geral, o livro de Francisco Menezes Martins suscita muitas reflexões relevantes para os pesquisadores na área de comunicação e, sobretudo, ele instiga nossos sentidos à reflexão, à criticidade e a utilizar a tecnologia de forma mais racional. Ler esse livro demanda, como foi dito no início, um esforço. O mesmo esforço que se faz necessário para estabelecer a necessária ponte entre a filosofia e a comunicação, a fim de tentar realizar pesquisas mais verossímeis a essa tão complexa sociedade pós-moderna. De cidadãos a pesquisadores, todos merecem parar alguns instantes e se deixar levar pela filosofia esclarecedora dessa obra e por suas ponderações.